



A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS DE ESPAÇO E PAISAGEM NA OBRA OS CANHÕES DO SILÊNCIO, DE JOSÉ CHAGAS, COMO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE PARA UMA CULTURA MEMORIALÍSTA.

Natália Regina Rocha Serpa¹, Viviane de Jesus Farias Ribeiro², Arianny D'arc Campelo Ferreira³

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – IFMA. e-mail: natalia@ifma.edu.br

²Especialista em orientação educacional e pedagógica, licenciada em Geografia. e-mail: vivianefarias@ifma.edu.br

³Aluna do curso Técnico Eletrotécnica-IFMA, bolsista CNPq, darc_20v@hotmail.com

Resumo: O mundo vive hoje a tão falada globalização, fenômeno este que permite ao homem quebrar barreiras tanto no âmbito ideológico como no âmbito social. Neste contexto o “mundo do trabalho”, no qual nossos educandos buscam ingressar, procura por profissionais que consigam raciocinar de forma integrada, interdisciplinar, até porque a proposta curricular do Instituto Federal do Maranhão é trabalhar um currículo integrado, ou seja, um currículo onde o estudante consiga ao final do curso ser um profissional que domine conhecimentos da área específica, consiga pensar o seu labore e relacioná-lo ao mundo que o cerca. Portanto, pensar a construção do discurso ficcional e os possíveis diálogos estabelecidos entre os vários fatores que compõem o meio, sejam eles fatores naturais (vegetação, solos, precipitação pluviométrica etc) ou humanos (desenvolvimento tecnológico, produção em escala global, consumismo e assim por diante), é inevitavelmente pensar as relações, que provocam mudanças significativas na paisagem, permitindo diferentes interpretações do espaço. O poema Os Canhões do Silêncio, de José Chagas é uma obra de ressonâncias barrocas que nos apresenta uma imagem multifacetada da ilha de São Luis, mais especificamente dos bairros Centro Histórico e Desterro. A proposta da pesquisa é desconstruir e reconstruir a partir da leitura da obra, as paisagens e os espaços descritos dentro do poema pelo autor. Na obra de José Chagas, as paisagens podem ser consideradas um elemento constitutivo da própria narrativa, ou seja, as paisagens assumem papel de personagem. É por meio delas que são expressados os sentimentos de amor, ódio, apego ao local ou desejo de mudança. É a paisagem da antiga São Luís que fundamenta o paradoxo dos canhões e do silêncio, sendo que os Canhões representam a vontade de lutar, que um dia permeou o imaginário coletivo dos moradores do bairro do Desterro. Em contra partida o silêncio representa a decadência que hoje o bairro vive.

Palavras-chave: Literatura, representação, espaço, paisagem, memória.

1. INTRODUÇÃO

A literatura, por ser uma das maiores formas de expressão cultural de um povo é também uma possibilidade que o homem tem de dispor dos conhecimentos passados, ou seja, de evocar memórias que solidifiquem a construção de uma identidade individual e coletiva. Como memória entende-se a capacidade de reter um dado da experiência ou conhecimento adquirido e de trazê-lo à mente. Toda produção do conhecimento se dá a partir de memórias de um passado que é consolidado no presente. A memória enquanto referencial histórico constitui um fator de identificação humana, é a marca ou o sinal de sua cultura. Os homens reconhecem na memória o que os distingue e o que os aproxima uns dos outros. A partir da invenção da imprensa e da publicação ordinária de livros surgem mudanças importantes para a memória individual e coletiva, uma vez que o livro assume papel de destaque na construção da memória coletiva, isso porque diferentemente da transmissão oral, os livros impressos não permitem que as memórias caiam no esquecimento. A produção do romance enquanto texto literário também é um importante fator para a construção da memória de um povo.

O texto literário mesmo sendo um discurso ficcional, sem compromisso com o mundo factual, carrega em suas entrelinhas marcas do real. Portanto, a literatura pode ser tratada como um referencial de



estudo interdisciplinar, uma vez que a mesma toma para si as mais variadas vozes e interpretações, vindo das mais diversificadas áreas de conhecimento, ou seja, o pesquisador, ou mero leitor pode buscar dentro do discurso ficcional marcas que ajudem na construção da paisagem, memória e da identidade de um povo. A literatura pode constituir-se, portanto, de um documento que conta, cria e recria um momento espaço-temporal, ou mesmo uma paisagem, ela, a literatura, dá elementos que possibilitem ao leitor pensar o ambiente no qual está inserido tanto o escritor como o próprio leitor. Neste sentido o escritor emerge de sua imparcialidade e trona-se testemunho de seu tempo, captando eventos que retratam aspectos da condição humana e do espaço onde tal condição se edifica. As categorias de espaço e paisagem emergem do texto literário enquanto representações de mudança, memória e da identidade de um povo. Assim sendo a paisagem pode ser concebida como a janela da alma tanto da literatura como da Geografia. E como tal, abre ou fecha possibilidades de compreensão ao leitor. Isso significa que a paisagem no texto literário é representação, é a imagem que representa aquilo de que é imagem, no ato de lembrar.

Antes de qualquer argumentação cabe-nos perguntar o que são realmente memória, identidade e subjetividade, e em que medida tais conceitos se relacionam com o conceito de cultura? A busca de respostas para essas perguntas foram os pressupostos teóricos que sedimentaram a referida proposta de pesquisa. Desse modo, pôde-se perceber a importância de se pensar a literatura comparando-a com outras categorias de conhecimento, a própria racionalização dos conhecimentos, sejam eles quais forem, se dá principalmente pelo método comparativo. Portanto, pensar a construção do discurso ficcional e os possíveis diálogos estabelecidos entre os vários fatores que compõem o meio, sejam fatores naturais (vegetação, solos, precipitação pluviométrica etc) ou humanos (desenvolvimento tecnológico, produção em escala global, consumismo e assim por diante), é inevitavelmente pensar as relações, que provocam mudanças significativas na paisagem, permitindo diferentes interpretações do espaço.

Este projeto buscou saber como a literatura em suas interfaces apresenta pistas que possibilitem reconstruir a memória, a identidade e a cultura de um determinado povo, sendo que para concretizar tal reconstrução o leitor se apega as descrições espaciais e paisagísticas contidas na ficcionalidade do discurso literário.

4.REFERENCIAL TEÓRICO

A representação que o poeta José Chagas faz da paisagem geográfica da antiga e da moderna São Luís, traz elementos novos, não só para o estudo do texto literário, como também para o estudo social e geográfico de um determinado espaço. Como é observado no fragmento abaixo:

Este poema é velho
como eu e minha angústia
como o bairro e a sua igreja
como a cidade e os seus sobrados
como tudo o que começou
e não tem mais jeito
(CHAGAS, p.29)

Na obra de José Chagas, as paisagens podem ser consideradas um elemento constitutivo da própria narrativa, ou seja, as paisagens assumem papel de personagem. É por meio delas que são expressados os sentimentos de amor, ódio, apego ao local ou desejo de mudança. É a paisagem da antiga São Luís que fundamenta o paradoxo dos canhões e do silêncio, sendo que os Canhões representam a vontade de lutar, que um dia permeou o imaginário coletivo dos moradores do bairro do Desterro. Em contra partida, o silêncio representa a decadência que hoje o bairro vive.

No poema em questão paisagem e espaço são termos diferenciados, a paisagem é o que ainda encanta a imaginação do leitor, paisagem humanizada onde prevalecem elementos arquitetônicos



materializados pela sociedade colonizadora, enquanto o espaço que é constantemente animado por seres silenciosos, dá ao poema um caráter memorialístico. Segundo Milton Santos, paisagem e espaço não devem ser considerados categorias sinônimas: “A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem a heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e natureza. O espaço são essas formas mas a vida que as anima”.(SANTOS. p. 103).Assim sendo em Os canhões do Silêncio as representações paisagísticas constituem um todo, percebido através de vários sentido, e cujas relações causais, se desejarmos compreendê-lo devem ser desveladas uma por uma, bem como as relações do complexo vivo por ele constituído.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa respaldou-se, num primeiro momento, em estudo bibliográfico, face a necessidade de uma fundamentação teórica substancial sobre o tema, utilizou-se, ainda, do método fenomenológico, uma vez que este método caracteriza-se pela ênfase ao mundo da vida comum, possuindo uma abordagem que não se apega somente as coisas factuais observáveis, mas visa penetrar seu significado e contexto com um olhar diferenciado. A partir de tal método a referida pesquisa adotou procedimentos que levaram a uma compreensão do fenômeno por meio de relatos descritivos da vida social. Este enfoque foi desenvolvido dentro de uma postura filosófica - crítica, ou seja, análise intencional e valorativa do objeto de pesquisa.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema a pesquisa em questão teve cunho qualitativo, uma vez que considerou haver uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são questões básicas no processo de pesquisa qualitativa. O ambiente natural foi a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador o instrumento- chave.

Teve-se como objeto de investigação compreender a importância da representação dos conceitos de espaço e paisagem na obra Os Canhões do Silêncio, de José Chagas, como condição de possibilidade para uma cultura memorialística. Para tanto, foram reveladas nesse texto literário questões relativas a história e a memória, ou seja, a construção e desconstrução do espaço e das paisagens encontradas nas poesias do referido autor. Foram consultadas obras no âmbito da Crítica Literária e dos Estudos Geográficos sobre questões relacionadas ao espaço e a paisagem, entre outros. No trabalho de pesquisa foram selecionados trechos significativos da obra em análise, buscando, a partir da reflexão sobre esses textos, evidenciar como se reflete, na produção literária desse autor, os processos de construção paisagística e espacial.

No segundo momento, dois trabalhos paralelos foram executados. O primeiro foram as visitas aos espaços citados nas obras escolhidas como recorte na pesquisa e a realização de entrevistas com a comunidade que habita o espaço pesquisado bem como que compõe a paisagem humana. O segundo trabalho foi a coleta dos depoimentos da comunidade local, com tais ações buscou-se caracterizar a paisagem social e geográfica dos espaços em questão reconstruindo o imaginário coletivo acerca de uma São Luis que, possivelmente, não existe mais

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento foram feitas pesquisas bibliográfica acerca da obra escolhida. A partir da leitura da obra em questão, foram escolhidos alguns locais para visita e aplicação dos questionários. Os locais escolhidos foram os bairros do Desterro e do Centro Histórico, situados no município de São Luís. Mesmo não observando muito interesse por parte dos moradores, durante as primeiras visita, a equipe envolvida orientou a comunidade sobre a importância do resgate a memória e a valorização da manifestação cultural local.

O resgate da memória por meio de obras literárias é de suma importância, uma vez que o livro consegue eternizar-se mais facilmente do que as narrativas orais. Pode-se inferir que a partir das descrições literárias tem-se a construção de uma identidade consistente de um determinado povo. A construção e produção de uma cultura memorialística está ligada a disseminação e popularização de



leitura. A leitura consolida a memória e a memória tem um caráter primordial para elevação de uma nação de um grupo étnico, pois aporta elementos para sua transformação. "...lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que o que fique signifique (sic.)." (CHAUÍ, in. BOSI,1979).

A memória é sempre atual, pois qualquer momento podemos evocá-la. É vivida no eterno presente; aberta à dialética da lembrança e do esquecimento; alimenta-se de lembranças vagas, globais e flutuantes; e cria sentimento de pertencimento e identidade, etc. Em contrapartida pode-se observar que ao mesmo tempo que um grupo quer esquecer, outros testemunharam acontecimentos e querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento, para que a memória continue sempre viva. É a luta pelo não esquecimento.

É imperioso ressaltar que essa memória não pode ser enquadrada, emoldurada, de acordo com os interesses próprios, pois é livre e atua em seus personagens abertamente, sem interferências. Emerge repentinamente remetendo às lembranças. Pode ser construída consciente ou inconscientemente, pois o que a memória grava, recalca, exclui, relembra, é o resultado de um trabalho de organização coletiva.

REFERÊNCIAS

(CHAUÍ, in. BOSI,1979).

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CASTELLÕES DE OLIVEIRA, Maria Clara. LAGE, Verônica Lucy Coutinho. **Literatura, crítica, cultura I**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008.

CHAGAS, José. **Os canhões do silêncio**. São Paulo: Siciliano, 2002.

CORRÊA. Roberto Lobato. ROSENDAHL. Zeny. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. 102p.

MEIRELES, Mário Martins. **Histórico do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

PEREIRA, Maria Antonieta. REIS, Eliana Lourenço de L. **Literatura e Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

ROUGERIE, Gabriel. **Geografia das Paisagens**. Difusão Européia de livro. São Paulo, 1999.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.



_____. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** ^{ao} Edição. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo. Editora Hucitec, 1982, 1997.

SCHAMA, Simon. **Paisagens e memória.** São Paulo: Cia de Letras, 1995.